

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

BIBLIOGRAFIA.

CARDOSO, Mário

Ano: 1953 | Número: 63

Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, Bibliografia. *Revista de Guimarães*, 63 (3-4) Jul.-Dez. 1953, p. 718-727.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Bibliografia

RAFAEL GIRARD, *El Popol-Vuh fuente histórica* (Tomo I, *El Popol-Vuh como fundamento de la Historia Maya-Quiché*). Edic. del Ministerio de Educación Pública de Guatemala. 1952. 438 págs.

O ilustre investigador e engenheiro suíço Sr. Rafael Girard, no decorrer de uma longa e perseverante campanha de estudos de natureza etnográfica e histórica, que dura há mais de 30 anos, efectuada na convivência com vários grupos actuais de povos descendentes dos aborígenes da América Central, situados na zona costeira do Pacífico, constituída pela região ocidental de Guatemala, e representativos da velha Cultura Maya-Quiché desse país, em cujas ruínas monumentais ainda hoje se pode avaliar do esplendor e grandiosidade que essa extinta civilização atingiu — ofereceu, a todos os que se interessam pelos problemas, ainda tão obscuros, da etnologia americana, uma obra sumamente meritória e importante, escrita em língua espanhola, a que deu o título de *El Popol-Vuh*.

Qual o significado deste título estranho, cujas palavras apresentam aos ouvidos dos leigos ressonâncias enigmáticas e bárbaras, com que o Sr. Girard baptizou o seu livro? *Popol-Vuh* é o nome do Livro Sagrado dos Mayas. No século XVI, um historiógrafo maya coligiu, num manuscrito conhecido com aquele nome, as tradições milenárias do seu povo, formadas de um misto de história verdadeira e de lenda, documento este escrito na própria língua maya, mas empregando caracteres latinos, e conservado secreto por muito tempo entre esses povos ameríndios.

Dois séculos decorridos, o Padre Francisco Ximénez tomando conhecimento da existência desse manuscrito, que certamente seria já a reprodução de algum outro códice pré-colombino, verteu-o para a língua espanhola. Contudo, nem o Padre Ximénez, no princípio do século XVIII, nem os subsequentes tradutores do *Popol-Vuh* (espanhóis, franceses, ingleses e alemães) souberam ler nesse texto e interpretar nas suas versões o seu sentido isotérico, nem avaliar da importância historiográfica do notável documento, redigido dentro de um obscuro simbolismo, estranho à nossa percepção e sensibilidade de europeus, mas inteiramente compreensível e familiar para os mayas-quichés, que quase retêm « de memória » este seu Livro Sagrado, como afirmava o Padre Ximénez.

Ora o investigador Sr. Rafael Girard, após uma longa permanência de muitos anos na região maya-quiché, em frequente contacto com estes povos, e amoldado à sua personalidade, conseguiu por fim penetrar na maneira de sentir e de pensar do indígena, desvendar o mistério da sua alma, os seus processos mentais, as suas crenças religiosas, numa palavra — alcançou aprofundar a sua realidade espiritual. E então o Sr. Girard pôde vencer o hermetismo sistemático do índio e dissecá-lo numa análise minuciosa, que lhe forneceu os elementos necessários para a elaboração de um estudo crítico exaustivo do *Popol-Vuh*, Livro Sagrado cujo alto interesse reside não só nas informações de ordem etnográfica que o seu novo comentador ali pôde recolher, mas ainda nos subsídios que esse Livro fornece para o conhecimento das origens daqueles antigos povos de Guatemala, de uma civilização tão avançada, muito anterior à chegada dos europeus ao continente americano.

Para se calcular o valor do até há pouco misterioso manuscrito, de tão difícil interpretação, basta meditar nas conclusões a que chegou o erudito investigador Sr. Rafael Girard, ao conseguir penetrar o seu significado: muito antes dos nossos historiadores, já os mayas-quichés sabiam conceber a verdadeira história num sentido humano e social ou seja, « a história que se ocupa dos homens, da realidade

vivida por um povo, e não apenas dos acontecimentos oficiais carecentes de interesse futuro».

Para o estudo e interpretação do *Popol-Vuh* o Sr. Girard partiu de uma sólida base científica, assente nas correlações que existem entre os mitos, as fontes escritas e os factos etnográficos e linguísticos. Viveu, em suma, intimamente, a vida do ameríndio, para poder desvendar o enigma desse texto sagrado, à luz da realidade contemporânea.

No autorizado conceito do Sr. Girard o *Popol-Vuh*, mais antigo que o *Rig Veda* e o *Zend Avesta*, é «um documento único nos anais da humanidade», que explica o alvorecer da vida de uma religião, de uma sociedade, de uma arte, de uma língua, em suma, as origens históricas da Cultura maya-quiché, do seu desenvolvimento e da sua evolução.

É curiosíssima a sistematização da História maya, estabelecida naquele vetusto manuscrito, abrangendo quatro Idades, ou séries culturais, desde as origens até a actualidade. Os três primeiros ciclos consideram-se encerrados, terminados, e pertencem ao passado; o quarto, está decorrendo presentemente. Cada Idade foi cindida da imediata por um cataclismo, que aniquilou a anterior. Todavia, o passado permanece sempre unido ao presente por um vínculo causal, isto é, o presente mergulha as suas raízes no passado, ou melhor, o passado transformou-se e incorporou-se no presente.

A magnífica descrição e interpretação que o Sr. Rafael Girard nos dá nesta sua obra monumental acerca do Livro Sagrado dos Mayas-quichés é, sob todos os pontos de vista, um trabalho de excepcional valor, muito especialmente para os americanistas, tendo merecido os mais justos elogios críticos de investigadores e cientistas de reputação, como os Professores Juan Palacios, Wilhelm Schmidt, Sigwald Linne, Eugène Pittard, Bosch Gimpera e muitos outros.

Em diversos estudos de idêntica importância tem o investigador Sr. Girard tratado os problemas da historiografia destes povos cultos pré-colombinos e da origem das Culturas arcaicas da América, como sejam as suas obras intituladas *Los Chortis ante el problema maya*, trabalho monumental, em 5 volumes

profusamente ilustrados (México, 1949), *El Calendario Maya-México* (México, 1948), a *Historia del origen y desarrollo de las civilizaciones indoamericanas* (Guatemala, 1951), etc. Inestimáveis serviços devem, portanto, a investigação e Cultura americanas a este notável estudioso suíço.

Em Portugal, os problemas da etnologia, da pré-história, da arqueologia e da etnografia americanas tem sido pouco familiares aos nossos investigadores actuais. Apenas o Sr. Prof. Mendes Corrêa tem abordado, através de alguns trabalhos parcelares, essa ordem de estudos americanistas. E contudo as nossas velhas relações de Cultura com a América do Sul, e a parte activa que tomámos na descoberta e colonização desse vasto continente exigiam de nós uma atenção especial e um contributo esforçado para o conhecimento das origens e evolução dos povos primitivos que ocuparam o Novo Mundo.

F. LOPEZ CUEVILLAS, *La Civilización Céltica en Galicia*, Porto y C.^{ia} editores, Santiago de Compostela. 1953. 520 págs. e XVI estampas. (Manuais da «Colección Galaioa»).

O ilustre e conhecido Arqueólogo e Pré-historiador galego, Sr. Don Florentino Lopez Cuevillas, cuja obra vastíssima tem contribuído largamente para o conhecimento da mais antiga história do Noroeste da Península Hispânica, zona cultural que abrange, além da Galiza e de parte das Astúrias e de Leão, as nossas Províncias do Minho e de Trás-os-Montes, publicou, no corrente ano um livro a que deu o título de *La Civilización Céltica en Galicia*, o qual, contendo o estudo geral, em todas as suas modalidades e aspectos, de uma Cultura que se estendeu uniformemente a todo o Noroeste, embora com características locais diferenciadas, interessa de igual modo a espanhóis e a portugueses.

Dá-nos assim o erudito investigador galego um quadro geral da chamada «Cultura dos castros», em todos os planos das actividades que floresceram na

vida desses povoados primitivos—económica, política, militar, artística e religiosa. Prescruta, apoiado nos antigos textos, nos testemunhos arqueológicos, e nos estudos de alguns dos mais sábios etnólogos e pré-historiadores modernos, como Bosch Gimpera, Schulten, Pericot, Camille Julian, Gomez Moreno, Menendez Pidal e outros, as remotas origens pré-celtas do povo que edificou os castros e as citânias; define a área geográfica que essa Cultura cobriu; descreve-nos a localização topográfica desses povoados e a organização defensiva que os protegia; a norma de vida dos seus habitantes; o aspecto das casas onde eles se recolhiam; costumes, vestuário, armamento, joalheria; objectos de uso doméstico, tais como a cerâmica e os instrumentos de trabalho; e finalmente as manifestações de natureza espiritual, como as obras de arte, os rituais funerários e os cultos religiosos. Conclui o precioso volume pela apresentação das indispensáveis considerações sobre a cronologia e a evolução desta Cultura, tão rica de aspectos característicos inconfundíveis, desde as suas origens até à sua completa extinção.

O livro do Sr. Lopez Cuevillas é, em suma, o volume que ainda faltava alguém escrever, constituindo um corpo homogêneo de doutrina, em presença de numerosos estudos monográficos subsidiários, e de materiais arqueológicos abundantemente recolhidos durante mais de meio século de investigações no terreno, de interpretação crítica das narrativas dos historiadores clássicos e da decifração de obscuros textos lapidares.

Para a reunião de todos estes elementos de trabalho que permitiram ao Sr. Lopez Cuevillas a elaboração da sua obra de conjunto, o próprio autor havia contribuído em larga escala, pois sobre a matéria de quase todos, se não de todos, os capítulos deste livro ele havia já publicado eruditos estudos parcelares.

Esta obra fundamental do brilhante investigador, que é o fruto de largos anos de exaustivo labor, fez ressurgir das cinzas mortas do passado, das ruínas silenciosas dos nossos velhos castros, a vida intensa que outrora os animou. Trata-se, em suma, de um

livro que nenhum estudioso português interessado no conhecimento das nossas origens e Culturas primitivas pode deixar de ter sempre à mão, na sua mesa de trabalho.

Apresenta ainda para nós o volume do Sr. Florentino L. Cuevillas a faceta simpática e atraente de abrir com estas palavras de justiça, tão gratas ao coração de todos os portugueses, e muito especialmente dos vimaranenses, palavras que constituem a dedicatória a uma das nossas maiores figuras nacionais: « *A la memoria de Francisco Martins Sarmiento, cuyas huellas son nuestro camino* ». De facto, o grande-sábio vimaranense foi o precursor da exploração sistemática dos castros, o etnólogo de ampla visão retrospectiva, que procurou desvendar o problema absorvente das nossas origens étnicas em bases verdadeiramente científicas. Os vestígios dos seus passos, as pègadas — *las huellas* — que deixou impressas ao longo do caminho percorrido na sua canserosa jornada através da Pré-história nacional, indicam-nos, ainda hoje, o trajecto mais seguro, o terreno mais firme para atingirmos a meta de finalidades e certezas, que a morte prematura do sábio lhe não deixou alcançar.

Este livro pode considerar-se a cúpula do monumento que o Sr. Lopez Cuevillas andava construindo há muitos anos, pedra a pedra, com toda a segurança do seu amplo conhecimento do nosso remoto passado. Por isso mesmo merecia, em nossa opinião, esta sua obra tão notável uma edição mais rica, mais valorizada e cuidada gráficamente, que ostentasse numerosas gravuras, cuja falta muito se faz sentir, especialmente em determinados capítulos em que predominam os testemunhos da Arqueologia, à qual não bastam as descrições e considerações de carácter meramente teórico ou especulativo, e se torna portanto indispensável a representação figurativa dos elementos tipológicos. Carecem assim de documentação pela imagem principalmente os capítulos que tratam da arquitectura militar, da planta das habitações, dos modelos de armas, das jóias, fíbulas, etc., das espécies cerâmicas, dos elementos temáticos da arte ornamental, da escultura, dos monu-

mentos funerários, etc. Essa documentação muito viria enriquecer e valorizar o volume. As 16 estampas de página que ele contém, 4 das quais reproduzindo achados portugueses, não bastam para ilustrar o texto em todas as partes em que a simples descrição dos objectos se mostra insufficientemente sugestiva para nos dar a ideia exacta dos aspectos reais de tais objectos. Duas dessas estampas do volume encontram-se até impressas em posição inversa (Lâminas VI e IX), o que sendo na realidade um por menor que se dirá sem grande importância, confirma contudo a deficiente atenção conferida à parte gráfica documental do livro.

Aos 16 capítulos do texto, que abrange um total de 491 páginas, segue-se uma opulenta bibliografia, com a citação de quase uma centena e meia de autores. Esta relação acusa porém a lamentável deficiência de não indicar a data e lugar de edição de cada obra, o que dificulta a procura de algumas delas, menos conhecidas do comum dos leitores, sobretudo quando se trata de trabalhos publicados em Revistas da especialidade. Todas estas pequenas ou maiores deficiências podem ser eliminadas em nova edição do precioso livro, cujo autor merece a gratidão de todos os estudiosos, pela luz que veio trazer ao conhecimento de um dos mais atraentes focos de Cultura dos povos da Península Hispânica.

ANTONIO GARCIA Y BELLIDO, *La Península Iberica en los comienzos de su historia. Una invitacion al estudio de nuestra Edad Antigua*. Edic. del Instituto de Arqueologia «Rodrigo Caro». Madrid, 1953. 694 págs., 50 gravuras e VIII estampas fora do texto.

Uma das mais nobres missões do professor de qualquer grau do ensino é estimular os seus discípulos ao estudo, tornando-o atraente e agradável e facilitar-lhes para isso os elementos indispensáveis. O professor que não possua o espírito didáctico é sempre uma criatura altamente prejudicial porque,

pelo emprego dos métodos condenados que adopta, quando julga ensinar, só consegue tornar o estudo antipático ao aluno.

Uma das qualidades que mais prestigia e acredita o professor, nas suas funções didácticas e nas suas responsabilidades perante os discípulos, é ser ele próprio o autor de bons livros de consulta e manuais da ciência que ministra, e que os alunos possam tomar por guia. Entende-se, claro está, que essas obras, constituindo o *vade-mecum* do escolar, devem ser modelares sob todos os pontos de vista e revelar da parte do professor que as escreveu uma competência indiscutível. Em Portugal, especialmente nos cursos técnicos superiores, os alunos têm normalmente de valer-se de compêndios de autores estrangeiros, em grande parte espanhóis, por falta de obras dessa índole, de autores nacionais.

Ora o Sr. Professor Doutor António Garcia y Bellido, catedrático de Arqueologia Clássica da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Madrid e Director do Instituto de Arqueologia «Rodrigo Caro», acaba precisamente de publicar no corrente ano um livro altamente meritório, cuja principal finalidade é tornar atraente e facilitar o estudo da antiga história da Península Hispânica.

Constitui essa obra, que o seu autor designa, em sub-título, «*Um convite ao estudo da nossa Idade Antiga*», um magnífico repositório ou colectânea de factos históricos relacionados com a antiguidade peninsular, facultando ao leitor o conhecimento das fontes escritas e dos monumentos que documentam aqueles factos.

Dedica o Sr. Prof. Garcia y Bellido este novo trabalho aos seus discípulos da Universidade de Madrid; porém, ele é igualmente útil e interessante a todo o leitor que desejar iniciar-se em muitos pontos da mais antiga história da Península, e até aos estudiosos já familiarizados com tais assuntos este livro prestará grandes serviços como obra de consulta permanente, por ser um valioso repositório de abundantes elementos bibliográficos e de citações e transcrições textuais de muitos trechos dos escritores clássicos, que constituem a base documental em que

se apoiam os modernos estudos para o esclarecimento do nosso passado.

Embora de verdadeiro interesse europeu sob um ponto de vista geral histórico e arqueológico, esta obra modelar é muito naturalmente proveitosa em especial a espanhóis e portugueses, pelo seu rico conteúdo, do qual se poderá fazer uma pequena ideia através do simples enunciado dos capítulos. Depois de facultar numerosos elementos bibliográficos para o conhecimento das fontes geográficas e históricas referentes à Península, o Autor aborda, no seu importante livro, os seguintes assuntos: *Iberos e Celtas — Línguas e alfabetos — Nomes pessoais e de lugares — Mitos, lendas e tradições — Descoberta da Hispânia por Fenícios e Gregos — Viagens e descobertas no Atlântico — A Hispânia descrita pelos antigos geógrafos — Os mercenários peninsulares no mundo antigo — Os romanos na Hispânia — A Romanização da Península — Alguns aspectos da economia antiga — Cidades da Hispânia — Religiões — Ritos funerários — Artes indígenas — Alguns aspectos do carácter dos povos hispânicos de há dois mil anos.*

Todos estes temas são, como se vê, do mais aliciante interesse para quantos desejem estudar as fontes da nossa história, da evolução material e cultural da Península nos seus variados aspectos, desde as origens até a sua Romanização total.

Elementos idênticos se encontram, por certo, com maior desenvolvimento na Obra monumental que o Professor Schulten vem realizando e comentando há muitos anos, sob os auspícios e a expensas da Universidade de Barcelona — *Fontes Hispaniae Antiquae*. O trabalho do Prof. Garcia y Bellido tem, porém, o grande mérito de reunir numa colectânea ou súpula criteriosamente seleccionada apenas os dados mais importantes, acessíveis ao grande público e à mocidade universitária, com meros intuitos de divulgação e de orientação escolar; ao passo que a Obra de Schulten é instrumento de trabalho destinado principalmente aos especializados. A índole e os intuitos didácticos da obra do Sr. Prof. Garcia y Bellido ficam perfeitamente definidos nestas pala-

vas com que ele encerra o seu breve prefácio: «O estudante e o curioso encontrarão neste livro uma possibilidade de recrear o espírito, e ao mesmo tempo um material de trabalho disposto de forma a poder tornar-se utilizável, quando o simples recreio se converta em interesse científico, pois libertar o estudante da aridez do manual e conduzi-lo insensivelmente aos amenos vergeis da investigação erudita é a nossa principal finalidade».

Neste utilíssimo trabalho, com o qual o Sr. Professor Garcia y Bellido acaba de prestar mais um valioso serviço aos estudiosos, temos apenas a lamentar que a citação bibliográfica de obras portuguesas da especialidade seja tão escassa, referindo-se o Autor somente a algumas delas, aliás fundamentais, como a série de *O Archeologo Português* e as *Religiões da Lusitania* de Leite de Vasconcelos. Entre as Revistas portuguesas, mereceu-lhe honrosa referência a *Revista de Guimarães*, com palavras que, por virem de uma tão prestigiosa autoridade, muito desvanecem os que nesta publicação trabalham, por devoção e prestígio da Sociedade Martins Sarmento.

M. C.